**MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE VIDA DE TRABALHADORES MARANHANSES RESGATADADOS DE TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO**

Nilziane Costa Costa[[1]](#footnote-1)

Sávio José Dias Rodrigues[[2]](#footnote-2)

**Resumo:** O trabalho análogo ao escravo, como é definido pelo Código Penal Brasileiro, pode ser relacionado à própria reprodução econômica do Maranhão. O estado é o maior exportador de mão de obra escrava para outras regiões do país, segundo dados da CPT (2017). Este artigo é, sobretudo, um trabalho de memória e trajetória de vida. As memórias nos permitem ter acesso às trajetórias de vida dos trabalhadores resgatados de trabalho escravo contemporâneo e, a partir delas, podemos compreender questões referentes ao perfil socioeconômico e de vulnerabilidade, ressaltando os processos de migração e de trabalho, mas, também, a construção de subjetividades referentes ao movimento para o trabalho e as escolhas de vida. A partir dos relatos buscamos traçar o perfil desses trabalhadores, os elementos de vulnerabilidade e identificar as condições de trabalho ao qual foram submetidos buscando caracterizar a situação do trabalho escravo. A memória nos permite dar integibilidade às experiências de vida desses sujeitos. Buscamos assim, fazer uma reconstrução das trajetórias de vida e entender como a trajetória desses sujeitos tem relação com suas situações atuais.

**Palavras-chave:** Memória. Trajetória de vida. Trabalho escravo contemporâneo.

1. **INTRODUÇÃO**

O Estado do Maranhão tem se destacado pela incidência de trabalho escravo no Brasil, tanto como sendo o principal exportador de mão de obra escrava para outras regiões do país, quanto dentro do próprio território, se destacando pelos maiores índices de trabalhadores que são resgatados no próprio estado. Como afirma Rodrigues (2016, p. 20) “também é desse Estado um dos maiores números de trabalhadores libertados de fazendas em seu território, onde são mantidos em situações de trabalho escravo contemporâneo”. Assim, o estado ganha destaque no que concerne o número de trabalhadores que são resgatados dentro e fora do estado. Segundo dados da Síntese Estatística da CPT, entre 2003 e 2016 foram resgatados 34.286 trabalhadores em regime análogo ao de escravo em todo país, desse montante, 6.387 trabalhadores indicaram como referência o Estado do Maranhão.

O “trabalho escravo contemporâneo” ou “condição análoga a escravo” como é conceituado pelo Art. 149 do Código Penal brasileiro é crime previsto em lei e é designado da seguinte maneira:

Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: (Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003).

Elementos como “trabalho forçado”, “jornada exaustiva”, “condição degradante” e “restrição de locomoção em razão de dívida” se tornam elementos que caracterizam essa prática na atualidade. Caracteriza-se principalmente pela restrição de liberdade por meio de dívida, mas não somente por ela, pois pode se dar também por violência e ameaças armadas.

Nesse trabalho buscamos discutir acerca da memória e trajetórias de vida de trabalhadores rurais resgatados de trabalho escravo contemporâneo no Maranhão, de tal forma que, a partir delas podemos trazer elementos que nos façam compreender questões referentes à vulnerabilidade, migração, trabalho, ao perfil, mas, também, a construção de subjetividades referentes ao movimento para o trabalho e as escolhas de vida desses sujeitos.

Este artigo é, sobretudo, um trabalho de memória e trajetória de vida. As memórias nos permitem ter acesso às trajetórias de vida dos trabalhadores resgatados de trabalho escravo contemporâneo. A memória desses trabalhadores resgatados é de fundamental importância para (re) construção das trajetórias de vida desses sujeitos e para entendermos suas experiências anteriores e posteriores ao trabalho escravo.

A partir dos relatos buscamos traçar o perfil desses trabalhadores, o se apresenta como vulnerabilidade em suas vidas e identificar as condições de trabalho às quais foram submetidos trazendo elementos que caracterizam a situação do trabalho escravo. A memória nos permite dar integibilidade às experiências de vida desses sujeitos. Buscamos assim, fazer uma reconstrução das trajetórias de vida e entender como a trajetória desses sujeitos tem relação com suas situações atuais.

Para desenvolvimento deste trabalho utilizamos a metodologia da história oral, buscando a memória dos sujeitos para construção das narrativas das trajetórias de vida. Revisão bibliográfica, coletas de dados na Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e trabalhos de campo nos municípios de Açailândia, Santa Helena e Palmerândia.

Assim, dividimos este trabalho em duas seções. A primeira fazendo uma breve contextualização do fenômeno do trabalho escravo, ao qual está diretamente ligado a memória desses trabalhadores, bem como uma discussão acerca da memória e da História oral e como estes elementos são de fundamental importância na construção das narrativas. A segunda apresentando a memória dos trabalhadores e suas trajetórias de vida enfatizando elementos como trabalho, condições socioeconômicas, perfis, migração e vulnerabilidade desses sujeitos.

1. **TRABALHO ESCRAVO, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: o caso dos trabalhadores rurais maranhenses**
   1. **O Maranhão e o trabalho escravo contemporâneo**

A escravidão no Brasil foi abolida formal e juridicamente no ano de 1888 por intermédio da Lei Áurea, porém apesar de ter se passado mais de 130 anos de sua promulgação, resquícios dessa prática ainda sobrevivem em nossa sociedade até os dias atuais.

O trabalho em condições análogas ao de escravo se relaciona com o modo de produção dos mais diversos segmentos econômicos do país, se reproduzido em diferentes atividades, sejam elas desprovidas de usos tecnológicos ou até mesmo aquelas com utilização de tecnologias de ponta. Dentro desse contexto do trabalho escravo no Brasil o Estado do Maranhão vem se destacado historicamente no que corresponde ao envio de mão de obra que é aliciada em outras regiões do país, tendo um papel importante, também, no ranking também no que diz respeito a trabalhadores sendo resgatados dentro do próprio território. Desta forma, este fenômeno se torna parte constituinte do contexto atual de formação da economia do Maranhão. O estado apresenta um cenário favorável para a reprodução da pobreza, possibilitando assim a migração de um grande número de trabalhadores para empregar-se em diversas atividades econômicas em outras regiões do país.

A pobreza pode ser apontada como fator influenciador para a migração de trabalhadores para outros estados e, eventualmente, no aliciamento de trabalhadores para o trabalho escravo, de tal forma que, estes vulneráveis social e economicamente, sem acesso aos meios de produção se veem obrigados a migrarem para outras regiões e, muitas vezes, para regiões de expansão de fronteira agropecuária. Nessa busca por renda, colocação no mercado de trabalho, ou mesmo apenas em busca por subsistência, muitos trabalhadores se sujeitam a aceitar quaisquer tipos de trabalho que lhes é oferecido, seja ele o mais degradante.

Desta forma, o Estado do Maranhão tem sido um lócus para a reprodução do trabalho escravo, e tem sido notícia nas mídias, destacando pelos extremos índices de pobreza, piores posições do ranking do trabalho escravo, piores IDHs, e assim por diante.

Rodrigues ressalta que:

Em 2010 o Maranhão teve o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, com 0, 639 de índice numa escala de 0 a 1, em que quanto mais próximo de 1, melhor é a situação do estado. O pior índice foi o de Alagoas, com 0, 631. O melhor IDH do país, segundo o PNUD é o do Distrito Federal (DF), que apresentou 0, 824 de índice (RODRIGUES, 2016, p. 144).

Esses indicadores nos ajudam a compreender alguns problemas existentes no estado, dentre eles a grande incidência de trabalho escravo contemporâneo. Eles também podem elucidar a saída dos trabalhadores para outros estados do país, além das condições socioeconômicas nas regiões de origem dos trabalhadores, a migração e aliciamento para o trabalho escravo.

O número de trabalhadores maranhenses que se deslocam para outros lugares em busca de colocação no mercado de trabalho tem sido grande. O problema que circunda essa questão é que estes saem de seus locais de origem e acabam sendo aliciados para as formas contemporâneas de trabalho escravo, vivendo em condições de vida precárias, com má remuneração e muitas vezes sofrendo algum tipo de violência seja ela psicológica ou física.

A região de expansão da fronteira agropecuária tem sido um lócus de reprodução de situações de exploração de trabalho escravo no Brasil. Porém, nos últimos anos, atividades tradicionalmente urbanas também têm contribuído com essa forma de exploração.

As principais atividades de atuação destes trabalhadores nas regiões de destino ou regiões de expansão da fronteira do capital são a agricultura, pecuária, agroindústrias ou mesmo na construção civil. Segundo os dados da CPT (2017), a atividade que tem maior quantidade de casos no Brasil é a pecuária, com mais de 50% dos casos dos envolvidos. A lavoura, carvão, construção civil e desmatamento são atividades que também se destacam, com grande quantidade de casos.

No Maranhão, as carvoarias e o "roço da juquira" são as atividades que mais mantém trabalhadores em regime de trabalho escravo. Sendo que a pecuária respondia por 30%, o carvão vegetal tinha 13% dos casos de trabalho escravo e a construção civil tinha 13% dos casos também (CPT, 2017).

Assim, nesse contexto de trabalho escravo, entre os anos de 2003 e 2016 foram resgatados 6.387 trabalhadores que indicaram como referência o Estado do Maranhão, sendo 678 trabalhadores oriundos da Baixada Maranhense. Desse montante Santa Helena teve 70 trabalhadores resgatados e Palmerândia 22. No oeste maranhense a situação é ainda mais preocupante. Durante esses anos foram resgatados 1.303 trabalhadores, desse total 320 trabalhadores eram de Açailândia. O estado parece ter servido como um depósito de mão de obra que pode ser escravizada, tendo contribuído bastante para abastecer os lugares de reprodução do trabalho escravo.

Deste modo, percebe-se, que para grande parte dos trabalhadores maranhenses o que sobra é apenas a subordinação, e a reprodução da pobreza no Estado tem sido um dos fatores chave para a saída de trabalhadores para outras regiões do país, onde buscam melhores oportunidades de trabalho. Essa mobilização faz com que esses sujeitos fiquem ainda mais vulneráveis e aceitem quaisquer condições de trabalho.

* 1. **A Memória e História Oral como instrumentos na construção de trajetórias de vida**

Este é um trabalho de História do tempo presente, desta forma, os métodos da História oral são de fundamental importância para a construção das narrativas, sendo a base principal desta pesquisa.

Sobre a História Oral, Alberti (2000, p. 155) destaca que “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita” constituindo-se assim “na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado”. E complementa dizendo que “fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho à disposição de falar um pouco sobre suas vidas” (ALBERTI, 2000, p. 37). Desta forma, para utilização dos métodos da história oral necessita-se de planejamento e seleção daquilo que será essencial ou não para o desenvolvimento e concretização da pesquisa.

A metodologia da história oral necessita de organização e planejamento que se inicia desde o momento da escolha de quem se quer e se deve entrevistar, que perguntas fazer, até o momento da transcrição e analise das entrevistas.

Alberti (2000, p. 37) enfatiza que:

Ao trabalhar com história oral, é sempre bom ter em mente que o relato de vida é apenas uma entre muitas possibilidades. O relato de vida costuma ser a apresentação oficial de si, que varia conforma o “mercado” no qual é oferecido - na família, geralmente, o que rege é a confidencia; na esfera pública o relato costuma ser mais formal. Ou seja, em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída á medida mesmo em que é feita a entrevista. [...] É preciso ter claro, contudo, que ele não é a única possibilidade.

Assim, os relatos orais não são nada sem o elemento principal que os constitui, a memória. A memória está intrinsecamente relacionada à metodologia da história oral. É através dela que se é possível, entre outras coisas, ter acesso as histórias de vidas dos sujeitos.

No que diz respeito à memória Souza e Crippa (2010, p.75) enfatizam que:

ao pedirmos para alguém falar sobre sua trajetória de vida, de uma sociedade, do lugar onde cresceu, ela recorre à memória para temporilizar os eventos e significá-los segundo suas emoções e sentimentos. Porém, essa memória não é resultado apenas das experiências individuais, mas do meio social onde ela se desenvolveu, participando de uma rede de disputas que pode ou não ser reconhecida por este e outros grupos.

Assim, é possível afirmar que a memória trata das experiências vividas por cada sujeito e são construídas à medida que são rememoradas. Ela aparece em fragmentos demandados pelo contexto social do sujeito, no caso dos trabalhadores resgatados, um contexto de pobreza, de vulnerabilidade.

Assim, as memórias resultam não apenas de experiências individuais, mas, também, de experiências coletivas. Deste modo:

quando as memórias analisadas são aquelas estimuladas por uma entrevista, também devemos considerar possíveis limitações de espontaneidade, pois para cada interlocutor/ouvinte, o entrevistado assume um discurso com o objetivo de transmitir determinada mensagem, de acordo com o que ele considera correto, isento, imparcial, culto, etc. (SOUZA; CRIPPA, 2010, p.76)

Diante disso, devemos analisar o discurso por trás das memórias e o contexto em que estas são reproduzidas. O entrevistado fala a partir do seu lugar de fala e do ambiente que este está inserido. Assim, como pesquisadores vão à busca de elementos que possam corroborar as hipóteses de pesquisa, o entrevistado também pode se utilizar de discursos que este julgar se encaixar no momento. Desta forma, este vai utilizar uma linguagem para cada ambiente.

Entendermos que a partir dos relatos e da memória podemos analisar as trajetórias de vidas dos sujeitos e trazer elementos que nos faça compreender como suas trajetórias anteriores a experiência com o trabalho escravo acaba influenciando no passado, presente e futuro desses trabalhadores.

Assim, as trajetórias de vida dos sujeitos aliciados, envolvidos ou resgatados de trabalho escravo contemporâneo nos ajudam na compreensão dos perfis, condições socioeconômicas e do porque muitos trabalhadores acabam sendo resgatados mais de uma vez na mesma situação. São as memórias que nos darão acesso a essas trajetórias e nos ajudaram nas construções das narrativas.

**2- TRAJETÓRIAS DE VIDA: o experenciar da vida de trabalhadores maranhenses**

**1.1Condições socioeconômicas, migração e vulnerabilidade**

O trabalho escravo contemporâneo está relacionado a diversos fatores como: pobreza, migração e vulnerabilidade. Assim, diante da análise de dados da Síntese Estatística da Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2017) e dos relatos obtidos em entrevistas nos municípios já mencionados anteriormente, ponderamos que o perfil dos trabalhadores que são aliciados para o trabalho escravo reúne algumas características: trabalhadores principalmente oriundos de zonas rurais; que não tem acesso a terra; que são vulneráveis social e economicamente, que tem pouco ou nenhum estudo.

Assim, a busca pelas trajetórias de vida desses trabalhadores que tiveram experiência com a escravidão contemporânea é fundamental importância para elucidar e responder questões referentes à vida, perfil, trabalho, vulnerabilidade, migração e para entender porque estes sujeitos se tornaram vítimas do próprio trabalho.

Os relatos dos trabalhadores envolvidos com a escravidão contemporânea mostram que as regiões de origem dos mesmos oferecem condições muito precárias de vida. A falta de acesso a terra para produzir e a falta de trabalho nos lugares de origem, são um dos fatores que se sobressaíram nas entrevistas sendo apontadas assim como determinante para a saída para outras regiões. Além disso, a categoria “família”, se destacou também como elemento central, de tal forma, que a responsabilidade familiar impulsiona o sujeito a ir em busca de melhores e maiores oportunidades de trabalho.

A vulnerabilidade social e econômica dos trabalhadores maranhenses faz com que estes se tornem as principais vítimas de aliciadores. Vieira e Bruno (2011, p. 39) destacam que “os trabalhadores que se encontram em situação de trabalho escravo são movidos pela necessidade premente para aceitar ofertas de emprego, tendo em vista sua posição desfavorável no mercado de trabalho”. Assim, “os trabalhadores tornaram-se vítimas porque já eram vítimas na situação econômica e social, vítimas por desconhecerem a lei; pelo baixo nível de escolaridade ou ausência de escolaridade; por não saberem dos riscos de serem submetidos ao trabalho forçado” (FIGUEIRA, p. 31. 2000). Desta forma, o trabalhador é um objeto do capital, sendo utilizado para sua reprodução, e desta forma, acaba por ser escravo desse processo.

Assim sendo, pode-se observar que a vulnerabilidade socioeconômica desses trabalhadores contribui significantemente para que estes sujeitos tornem-se alvos fáceis a aliciadores e acabem se tornando as principais vítimas do trabalho escravo contemporâneo.

Em entrevista ocorrida no município de Santa Helena, na Baixada maranhense, um morador relatou sobre os motivos de saída dos trabalhadores para outras regiões e diz:

[...] muitos jovens saem, não tem uma educação boa [...] às vezes quer trabalhar desenvolver um trabalho aqui na comunidade não tem como, não tem território pra eles trabalhar, não tem a área pra trabalhar [...] *tem muitos que não tem vontade de sair mais são obrigados a sair”* (INFORMANTE A1, Entrevista concedida em: 15/jan/2016, *grifos nossos*)*.*

Nesse relato, podemos enfatizar dois elementos responsáveis pela saída desses trabalhadores: a questão da educação, isto é, o não acesso ou a dificuldade de acesso a esse recurso, e o acesso aos meios de produção, como a terra, para produzir. Essa fala demonstra ainda que a única alternativa que aparece é sair, ou seja, a necessidade os obriga a deixarem suas casas, suas famílias para irem em busca de condições melhores de vida em outros lugares.

De tal modo a fala de outro entrevistado complementa essa ideia da migração: “acho que a falta de oportunidade que não tem no município” (INFORMANTE A2, Entrevista concedida em: 15/jan/2016). Desta forma, percebemos que os municípios em sua maioria não oferecem suporte para a permanência dos trabalhadores, além de não ter acesso ao estudo, não oferece acesso ao mercado de trabalho.

Desta forma, percebemos que o quesito *oportunidade* é também um dos pontos de destaque na fala desses sujeitos, de modo geral, principalmente na região da baixada maranhense. A permanência em seus locais de origem torna-se uma opção. As oportunidades de emprego que os municípios oferecem são muito distintas, são de prefeitura, por meio de contratos ou concursos, nos comércios ou em lojas de comércio varejista, ou seja, para o sujeito ter acesso a essas oportunidades citadas estes tem que ter no mínimo ensino médio completo, uma realidade que não corresponde a maioria dos trabalhadores.

Uma informante fala assim:

meu marido, ele já viajou, já passou um ano, dois anos, de vez enquando ele viaja, ele disse o seguinte, *se ele conseguisse um trabalho aqui* que desse um salário pra ele, *ele não saia daqui* [...] tem trabalho aqui dentro do Maranhão? Tem. Mas é juquira no sol quente é o dia todinho pra ganhar 40 reais, esses 40 reais ele trabalha hoje ganha esses 40 reais, eles já compramo comer e já não tem mais nada, estes terminam de trabalhar não tem dinheiro, então isso é um dos motivos na qual eles saem, eles (INFORMANTE A3, Entrevista concedida em: 15/jan/2016, *grifos nossos*).

Isso indica que se o trabalhador tivesse alternativas em seu município ele não precisaria sair para outras regiões. O trabalho que aparece se restringe em sua maioria ao roço da juquira. Além de ser um trabalho árduo, não tem um valor significativo, o valor pago não é suficiente para suprir as necessidades, e por esses motivos a saída para procura de alternativas parece ser a única solução.

Diante disso, as condições socioeconômicas nas regiões de origem, questões familiares e de necessidade influenciam a migração dos trabalhadores. Uma migração árdua, tendo que deixar família, esposa, filhos e adentrar um mundo diferente em busca de melhores oportunidades que os ajude a sustentar suas famílias.

Desta forma, percebemos que a realidade desses trabalhadores se torna ainda mais cruel, sem falar que não é só o trabalhador que sofre consequências, sua família que fica aguardando sua volta, também sofre com a saudade e a angústia de que breve este retorne. Percebemos que a saída do trabalhador do seu local de origem acontece sobre diversas situações, algumas são traços de condições de vida muito precárias, outras são a falta de oportunidade, outros são “obrigados” pela necessidade como expõe os relatos.

**2.2 Condições de trabalho**

O trabalho escravo contemporâneo se destaca pela degradação do trabalhador e violação dos direitos humanos. Nesta situação, o trabalhador é transformado em mero objeto de trabalho, sendo mantido como ferramenta, sem nenhuma condição de vida, sem dignidade. Sua mão de obra torna-se elemento para desenvolvimento de capital numa situação limite, em que não somente a força de trabalho do sujeito vira mercadoria, mas também o próprio trabalhador. Nessas condições a precarização do trabalhador é evidente.

Na fala dos sujeitos que tiveram experiências com o trabalho escravo é notório essa precarização do trabalho, mostrando condições que estão aquém da dignidade humana, alojamentos precários, sem banheiros e camas, partilha de espaços com animais, convivência com venenos, dentre as mais diversas situações. Assim, a fala de um dos informantes, um trabalhador resgatado em uma fazenda no município de Açailândia, descrevendo seu ambiente de trabalho deixando evidente a precariedade e a desumanização do trabalhador:

Ah! O alojamento lá era barraco mesmo de palha com uma lona. Quando vinha a chuva, aí tinha que levantar da rede pra erguer, pra passar a tempestade de chuva senão molhava todo mundo. Assim que era, chiqueiro de porco apregado no barraco lá era nojento lá [...] (INFORMANTE 1, Entrevista concedida em: 13/mai/2015).

Na mesma perspectiva, um trabalhador do município de Pindaré-MA, narra:

[...] nós ficava era debaixo do pé de cajueiro [...] o barraco velho de lona [...], (a comida) era só feijão e arroz. Tinha um bocado de galinha lá, ovo, galinha pusia lá, mas num deixavam o cabra cumer um ovo, porco tinha muito, mas num matava [...] (INFORMANTE 2, Entrevista concedida em: 13/mai/2015).

A partir dos relatos percebe-se que a precariedade do trabalho é a mesma e que compartilham da mesma situação no que diz respeito a alojamento, alimentação, partilha da água com animais, as condições mais degradantes. Essas situações são exemplos claros de violações às leis trabalhistas e ao código penal brasileiro, circunstâncias estas que ferem a dignidade do trabalhador, com condições de trabalho insalubres e de alojamento e alimentação incompatível com a dignidade humana.

Outro trabalhador relata uma situação limite, o compartilhamento de água com animais da fazenda:

[...] a nossa comida também era só o feijão, o feijão com arroz, quase não tinha a carne era um pedacinho pra cada, a situação da água era uma água velha tão nojenta, *antes a gente tomava água lá mesmo porco se lameava era uma coisa*, não tinha alojamento também, e o preço do serviço era besteirinha também (INFORMANTE 4, Entrevista concedida em: 13/mai/2015, *grifo nosso*).

Desta forma, podemos perceber que o trabalhador é tratado como coisa, que não há nem se quer preocupação com a saúde ou segurança do trabalhador, sua vida é colocada em risco a todo o momento, as condições precárias de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores são completamente desumanas.

No que diz respeito à segurança no trabalho, muitos trabalhadores relataram não receber equipamentos de trabalho, em muitos casos são obrigados a comprar suas próprias ferramentas. Um dos trabalhadores nos relatou que teve um acidente de trabalho que ocasionou em um corte no pé, este por sua vez estava sem um dos instrumentos de trabalho, no caso a bota, e na ocasião conduziu-se até o “gato” para pedir-lhe remédio, porém a resposta do mesmo foi a seguinte: “que nada rapá marra só um pano e corta juquira”. Percebe-se assim que o trabalhador nada mais é que um instrumento, e o que importa é apenas a sua mão de obra e nada mais, se tornando assim descartável. No mais ele complementa: “e assim eu fiz duendo pra disgrama [...] assim mermo eu fui e ele lá, lá perto, lá nem ligou,” (INFORMANTE 2, Entrevista concedida em: 13/mai/2015).

Diante disso, as condições precárias de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores são completamente desumanas. O trabalhador é tratado como mero objeto de trabalho, onde não tem direito a nada, nem se quer a um remédio para colocar em um ferimento ou a ter uma boa refeição.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho escravo contemporâneo no Brasil parece ser um ciclo vicioso, mesmo após anos da abolição resquícios dessa prática ainda sobrevivem e se desenvolvem em nossa sociedade. Nesse cenário, o Estado do Maranhão é destaque sendo o principal exportador de mão de obra escrava para o restante do país. O ambiente de pobreza que se reproduz no estado pode ser apontado como elemento que contribui para essa reprodução do trabalho escravo.

As memórias dos trabalhadores rurais maranhenses resgatados de trabalho escravo contemporâneo nos ajudam a compreender um pouco esse cenário além de possibilitar explanar questões como: condições socioeconômicas, perfis, migração, trabalho e vulnerabilidade.

A História oral, especificamente a utilização da técnica historia de vida, e a memória foram de grande importância para a construção dessas narrativas. A memória nos permitiu dar integibilidade às experiências de vida desses sujeitos e as trajetórias de vida contribuíram no entendimento de questões fundamentais para esta pesquisa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. **Individuo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

BRASIL. **Decreto Lei N°10.803**, de 11 de Dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/2003/l10.803.htm>. Acesso em: 09 mai. 2019.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **SÍNTESE ESTATÍSTICA** (atualizada em 10 jan.2017) - CAMPANHA DA CPT CONTRA O TRABALHO ESCRAVO, 2014. (Arquivo digital)

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **SÍNTESE ESTATÍSTICA** (provisória 1, em 31/12/2014) - CAMPANHA DA CPT CONTRA O TRABALHO ESCRAVO, 2013. (Arquivo digital)

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Por que o trabalho escravo?. **Estudos Avançados**, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 14, n. 38, p. 31-50, jan./abr. 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário (2006)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 set. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo das empresas (2010)**.  
Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 14 set. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais (2016)**. Disponível em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizaçao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 25 jan.2019.

INFORMANTE 1. **Morador de Monção**. Entrevista concedida em: 13/mai/2015.

INFORMANTE 2. **Morador de Monção**.Entrevista concedida em: 13/mai/2015.

INFORMANTE 4. **Morador de Pindaré**. Entrevista concedida em: 13/mai/2015.

INFORMANTE A1. Entrevista concedida em: 15/ jan/2016.

INFORMANTE A2. Entrevista concedida em: 15/ jan/2016

INFORMANTE A3. Entrevista concedida em: 15/ jan/2016

RODRIGUES, Sávio José Dias. **Quem não tem é escravo de quem tem**: migração camponesa e a reprodução do trabalho escravo contemporâneo. Fortaleza: 2016. (Tese Programa de Pós-graduação em Geografia)

SOUZA, Willian Eduardo Righini; CRIPPA, Giulia. Limites e contribuições da história oral: a memória e a história nas interseções entre o individual e o coletivo. **SAECULUM- Revista de História** [23]. João Pessoa, jul./dez.2010

VIEIRA, Maria Antonieta; BRUNO, Regina. Representações de trabalhadores, gatos eempregadores sobre o trabalho escravo. In: FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO,  
Adonia Antunes (Org.). **Olhares sobre a escravidão contemporânea**: novas

1. Mestranda em História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Email: [nilzycosta@hotmail.com](mailto:nilzycosta@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutor em Geografia (UFC); Professor da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros e do Programa de Pós-graduação em Geografia (UFMA). Email: [saviodiasbr@gmail.com](mailto:saviodiasbr@gmail.com). [↑](#footnote-ref-2)